

O ciclo de vida e morte em Helena Marques

Monica Rector*

Human acts occur within a network of relationships, processes, and systems that are as ecological as they are cultural. (William CRONON)

Resumo

A romancista portuguesa Helena Marques publicou quatro romances: **O último cais**, **A deusa sentada**, **Terceiras pessoas** e **Os íbis vermelhos da Guiana**. Estes romances buscam a identidade da mulher portuguesa através do tempo e do espaço. Começam no século XIX e vão até o presente momento no século XXI. Marques utiliza um artifício inovador quanto ao espaço geográfico. Em lugar de iniciar pelo centro, por Portugal continental, opta pela periferia que se torna, de fato, central. São as ilhas e o território além-mar ou fora da Península Ibérica que definem a mulher portuguesa e lhe dão uma identidade peculiar. Nesse trajeto, entre a tempestade e a bonança, lutas e ambições, o ciclo de nascimento e morte é a única realidade que permanece, permeada pelo amor.

Palavras-chave: Helena Marques; Literatura portuguesa contemporânea; Feminismo; Identidade; Territorialidade.

Helena Marques publicou quatro romances, além de contos. Os três primeiros podem ser considerados uma trilogia, sobretudo os dois primeiros que são seqüenciais no tempo (século XIX, **O último cais**; XX, **A deusa sentada**; XX-XXI, **Terceiras pessoas**). Como nos romances anteriores, seu último, **Os íbis vermelhos da Guiana**, cruza passado e presente, mas no espaço físico da Guiana, no decorrer de 150 anos, do século XIX ao XXI.

* University of North Carolina, Chapel Hill.

Esses romances buscam a identidade da mulher portuguesa através do tempo e do espaço. Marques utiliza um artifício inovador: o espaço geográfico. Em lugar de começar pelo centro, por Portugal continental, opta pelo percurso do território além-mar, mostrando que a periferia é, de fato, central, que as ilhas e o território além-mar definem a mulher portuguesa e lhe dão uma identidade peculiar. Nesse trajeto, entre a tempestade e a bonança, entre lutas e ambições, o ciclo de nascimento e morte é a única realidade que permanece, permeada pelo amor.

A obra de Helena Marques é recente, seus três livros são da década de 90 do século passado, **Os íbis vermelhos da Guiana** pertence a este século.

A temática apresentada pela autora é inovadora no sentido de que trata do problema da mulher sob uma nova perspectiva. A mulher portuguesa foi presa do sistema patriarcal desde o início da nação. Através dos séculos, seu lugar sempre esteve determinado pelo pai, marido ou irmão, ou seja, dentro de casa, dedicada aos afazeres domésticos. Sua voz era silenciada e quando ouvida limitava-se a queixas, choros, desalentos de uma vida tolhida. Seus queixumes sempre foram narrados pela voz masculina.

No século XVII, a mulher-monja, recolhida em sua cela, mas tendo acesso à educação, começa a escrever. A cela, na realidade, era um lugar de liberdade. Quando não queria casar com quem lhe impunham, o convento era a saída. Outras havia que ingressavam no convento por vocação, outras ainda aí residiam pois não tinham dote para casar-se. Temos, então, dois tipos de literatura, a séria, em que as religiosas expressavam o seu amor por Cristo e seu desejo de transcender a vida terrena em forma de versos, e a outra, geralmente, em prosa, mais jocosa, como a de Sórora Maria do Céu em **Aves ilustradas em avisos para as religiosas servirem os ofícios dos seus mosteiros** (1734).

No século XX, inicia-se a jornada das escritoras propriamente dita. A insubmissa Florbela Espanca espanta os leitores burgueses do Modernismo com seus arrebatos de paixão, até mesmo por seu irmão no conto “O aviador”, um réquiem ao seu querido mano morto num desastre aéreo. Mas o grito da mulher-escritora passa realmente a ser ouvido com as **Novas cartas portuguesas** (1974) das Três Marias: Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, que rompem os liames impostos pela ditadura salazarista. Usando o plural, muitas vozes englobando uma só voz, num grito coletivo, indica-se às mulheres o caminho a seguirem – o da escrita –, abrindo à frente uma estrada sem fim: “Pois que toda a literatura é uma longa carta a um interlocutor invisível, presente, possível ou futura paixão que liquidamos, alimentamos ou procuramos” (BARRENO, 1974, p. 9).

A inovação da obra de Helena Marques, como veremos, consiste em mostrar que a mulher pode ser feliz, sempre que toma o destino em suas próprias mãos.

O ÚLTIMO CAIS

Sua primeira obra, *O último cais* (1992), recebeu o “Grande Prêmio de Romance e Novela” da Associação Portuguesa de Escritores, e Prêmio Máxima-Revelação. *O último cais* é também o título do último capítulo, que reflete o que é a vida insular: “E de novo aguardam um navio, a vida é assim numa ilha, os barcos levam e trazem, ligam e desligam, sem navios as ilhas não seriam mundo, ninguém saberia delas nem das suas gentes...” (MARQUES, 1993, p. 109). A sensação de isolamento e, sobretudo, de confinamento é uma constante. O jornal e o telégrafo são os outros meios de comunicação. O telefone já existe, mas ainda não chegou à ilha (p. 116);¹ ouviu-se falar que inventaram um outro aparelho mais potente do que o fonógrafo (p. 57), mas sabe-se só de ouvir dizer.

Nessa ilha desenvolve-se a história de uma família, uma saga que reúne num local, num determinado tempo (século XIX), mulheres que, juntas, constituem a imagem universal da mulher. Raquel, a personagem principal, é a mulher feliz, que deixou de ser Penélope; Constança é a infeliz, que se recolhe após um casamento frustrado, é a morta-viva; Maria e Marta são duas solteironas por opção; sua mãe, Maria Alexandrina, é a mulher-parideira; Catarina Isabel é a mulher profissional, nos primórdios do trabalho feminino; Violante é a mulher estéril apesar do amor; Benedita é a conservadora por escolha própria; Charlotte é a sufragista comedida; Clara é a mulher-cândida, que reúne em si a paz e a harmonia; e, por fim, Luciana, a mulher-livre, que anuncia a mulher do século XX.

O último cais começa num diário de bordo, a 4 de setembro de 1879, e termina por volta de 1904. Conta-nos a história de um amor feliz, sim, felicíssimo, o que até agora não é fato comum na literatura portuguesa. Envolve a relação inicial de Marcos Vaz de Lacerda e de Raquel. Marcos é médico, e é nessa qualidade que ingressa esporadicamente como oficial na Marinha. Ele é um homem apaixonado por sua mulher e não tem medo nem vergonha de confessá-lo: “Raquel e eu temos a felicidade escrita em cada milímetro de pele, em cada fibra de voz, e ninguém se apercebe, ninguém vê” (p. 54), porque já estão casados há muitos anos; e “por quê a apregoada tese de que a paixão é privilégio dos jovens e a lua-de-mel o tempo de todas as delícias?” (p. 54). Interrogações como essa aparecem ao longo da obra para abrir um espaço de reflexão ao leitor. Marcos não tem grandes ambições, só a de “ser marido de Raquel” (p. 98). A felicidade de Marcos é que ele não impõe nada, “Marcos deixou-se amar, sorveu nela o apaziguamento e a paz, a companhia e o prazer” (p. 185). E assim procedeu tanto com Raquel, sua primeira esposa que vem a falecer, quanto com sua segunda companheira,

¹ Em cada subcapítulo, ao colocarmos o número entre parêntese, será a referência da respectiva obra.

Luciana: “Marcos amou-a mas dentro das limitações estritas que lhe consentia a fidelidade a Raquel” (p. 185). Portanto, ao dizermos que se tratava de uma primeira relação feliz, queríamos chamar atenção para uma segunda relação, tão feliz quanto a primeira, guardadas as diferenças.

A principal personagem feminina, Raquel, é rebelde desde a infância: revolucionária inata (p. 98), é mulher culta que se torna interessante, pois conhece música (Vivaldi) e literatura (Dante). Busca sua identidade, que não está naquela ilha, mas em outra, a de seu avô André, em Malta, que nunca virá a conhecer. “Quem eram os Villas, como viviam, como eram essas mulheres de que ela teria herdado, ao que se conjecturava, o cabelo cor de vinho velho, as pernas altas e a rebeldia?” (p. 25). Fascinava-a o desconhecido, “o caminho do mar”, que contrastava à “claustrofobia da ilha” (p. 25), à qual se conformava. “Para mim, que nasci mulher, que quis casar e ser mãe, para mim nada mudou desde Penélope” (p. 25). A ela nunca tinha sido permitido sair sozinha; sonhava então que uma neta ou bisneta viesse a ter essa possibilidade. Raquel cresce, liberta-se aos poucos, não é mais um demoniozinho insubmisso (p. 31); torna-se uma mulher feliz, como mãe, esposa amada e amante do marido. Já não é mais Penélope: “Já não sou a que fica fiando e tecendo, chegou a minha vez de partir e parto com Marcos” (p. 86). Finalmente, conhece o caminho do mar, da Guiana, pelas mãos do marido. Só que esse percurso não será o da libertação, mas o da morte, pois Raquel morre ao dar a luz ao seu terceiro filho em terras estranhas. Dela fica a imagem idealizada, logo transformada em mito.

A mensagem que Helena Marques parece transmitir é a de que a vida se faz com e por amor. Raquel e Marcos se amaram, ou melhor, ambos se deixaram amar. Com a segunda companheira ocorreu o mesmo. Marcos não a converteu; foi Luciana que se deixou amar, assim como Marcos o fez, não só com uma, mas com as duas mulheres que teve. Quando não há resistência, o milagre acontece. O amor sempre se renova quando há lugar para ele, amor este não só entre duas pessoas, mas entre os seres humanos em geral, o que também se reflete no amor à terra. Portugal não se ama apenas no continente, mas além-mar, em recantos menores como as ilhas que, de tão diminutas, não costumam ter lugar na literatura.

Nesse percurso para mostrar a plenitude da mulher, Helena Marques começa pela periferia, a cidade do Funchal na ilha da Madeira. A periferia se torna centro, Funchal é um microcosmos que representa a comunidade feminina em busca da identidade. Cada mulher nesta ilha apresenta uma característica peculiar, todas juntas formam um quadro representativo da mulher no século XIX, em Portugal, mas suas marcas são universais.

A DEUSA SENTADA

Em *A deusa sentada* (1994), a autora continua o tema da busca da identidade feminina, quer como retorno às raízes, quer como descoberta do que é ser mulher. As personagens principais, Laura e Matilde, são duas mulheres profissionais, independentes. Laura, dona de uma livraria, é casada, bem casada com Lourenço, que não aparece na obra; nós o conhecemos apenas por ouvir-dizer. Já Matilde é descasada, dedicando-se a traduzir livros e a fazer traduções simultâneas. Laura e Matilde estão unidas por um profundo elo afetivo, maternal por parte de Laura, que é oito anos mais velha, tendo Matilde 38 anos. Ambas são mulheres maduras, que revêem a condição feminina já na meia-idade. Têm ainda ânsias e experimentam angústias, agora dentro das devidas proporções, tal como o tempo lhes ensinou. Porém, continuam a amar e a ansiar pelo amor. Matilde fora casada com Artur, que, vítima da guerra, passou a ser um desadaptado social. Para ela, 25 de Abril chegara demasiado tarde (MARQUES, 1994, p. 53). Separada, alguns homens passam por sua vida sem deixar marca; assim mesmo, ela anseia por um amor, o amor de sua vida, ao mesmo tempo que o teme. Encontra, porém, Ian e “reaprende a viver”: “Reaprendi a paixão e a ternura, a confiança e a fé, a dádiva e a procura” (p. 206).

Trata-se de um romance “detetivesco”: achar o paradeiro de André Villa (ou Vella), em Malta. Raquel em *O último cais*, já falara desse antepassado. Talvez através dele se possam desvendar as raízes dessa família do Funchal. “O caso de André Villa, aliás Vella, era diferente, a tradição familiar falava apenas num homem que casara no Funchal em 1767, um homem sem passado nem história, com razão ou sem ela...” (p. 176). O objetivo ou mero pretexto (p. 174) das duas mulheres é desvendar este mistério: “Detetive de factos contemporâneos, investigador de papéis antigos, qual é a diferença? Apenas uma questão de presente e passado – ou não será?” (p. 164).

Na realidade, essa obra é continuação da anterior, ou seja, a saga de uma família e de sua/s mulher/es. Em *O último cais*, Raquel morre ao dar à luz a Clara; Clara passa a ser a companheira do pai, pois herda a essência da mãe. Em *A deusa sentada*, Clara é a avó de Laura. Portanto, em linha descendente, temos: Raquel – Clara – Laura.

Geograficamente, Marques escolhe um percurso diferente para a identidade portuguesa, qual seja, o caminho das ilhas: Funchal, Gibraltar (p. 101-107) e Malta; um caminho inusitado e único na literatura feminina portuguesa. Por que Malta? “Porque Malta fôra terra de incessante migração, em que poderia servir-las?” (p. 110). Porque Malta tem a pequenez e a fragilidade aparente das mulheres. É um conjunto de três ilhas, denominadas Malta, Gozo e Comino, respecti-

vamente: “Repara, as três ilhas, Malta, Comino e Gozo, tão próximas umas das outras” (p. 35). Gozo, termo maltês, é significativo em português: “perguntei-lhe se sabia o significado da palavra Gozo em português... Claro que ele não sabia. E eu expliquei: satisfação, contentamento, fruição, prazer físico... O riso devolveu-nos o bom senso...” (p. 204).

A História, ou melhor, o passado é fundamental para a narradora/personagem Laura: “Pessoalmente, tenho de confessar-me muito mais seduzida pelo passado, afinal é ele que me justifica, é nele que me reencontro e entendo, é apoiada nele que me projecto no futuro” (p. 100). Vemos, na História, que a busca das raízes é tema essencial. Geografia e História se interrelacionam, e a autora leva o leitor a conhecer a região através de uma metáfora, de um segundo olhar, que é o da câmera de cinema, num filme sobre Malta mostrado no Centro de Estudos Mediterrâneos (p. 64). Através do olhar, Laura vê o passado e o presente. Se em **O último cais** conhecemos Funchal, revelado pela palavra intimista das mulheres, em **A deusa sentada** a visão é exterior, assim como o personagem Ian se dá a conhecer pelo olhar.

Em **A deusa sentada**, o desejo de Raquel da obra anterior aqui se completa. Uma neta ou bisneta sua descobriria sozinha o caminho além-mar. Laura realiza a irrealização de Raquel. Há inúmeras outras ligações entre ambas as obras.

A busca da identidade portuguesa e da identidade feminina tem uma essência atávica e é muito mais forte do que uma raiz, pois esta se pode arrancar. Todo o passado, Laura e Matilde o encontram em Malta, numa viagem que é um renascer pelo revigoramento de suas raízes, de sua identidade cultural. E todos esses valores estão contidos numa figura simbólica feminina, a figura da deusa reproduzida na capa do livro:

no templo de Hagar Qim, [que] é a de uma mulher sentada, pés e mãos minúsculos, reduzidos a uma mera sugestão, toda a força emana dos poderosos tronco e coxas, os joelhos estão dobrados lateralmente e repousam no chão afastados um do outro, o pé esquerdo aflorando a perna direita, numa posição cheia de placidez a que só a linha dos ombros bem erguidos imprime altivez e dignidade. (MARQUES, 1994, p. 147)

“Malta é como a pequena **Deusa Sentada**, Malta é a própria **Deusa Sentada**” (p. 188). A mulher portuguesa é a deusa sentada, “ensinando o seu povo a resistir e a preservar os valores tradicionais e também lucidamente, a distinguir e a assimilar os valores que os outros iam deixando” (p. 188).

Essa Deusa Sentada é a Mulher, mulher universal, que agora já pode repousar, assentada, sem necessidade de maior beleza exterior, porque é “forte, intrépida, imperturbável, paciente”, dentro de si. Esta mulher-deusa é a “ilha-mãe acolhedora, sedutora, misteriosa, terna e eterna” (p. 188).

Continuando pela periferia geográfica, mais uma vez pelas ilhas, Helena Mar-

ques recupera a/s identidade/s (a portuguesa e a da mulher), mais uma vez pelo sentimento básico e universal, o amor.

TERCEIRAS PESSOAS

Terceiras pessoas (1998) encerra a trilogia, apesar de a autora, numa entrevista, dizer que as duas primeiras constituem uma seqüência, mas a última não. Em carta a Marques, dando-lhe as devidas explicações, faço-lhe a observação de que se trata de uma trilogia e pergunto se concorda. A resposta diz (carta de 7/10/99): “É evidente que aceito e aprovo a sua interpretação. Se é certo que não há uma sequência de acção, há indiscutivelmente uma sequência de comportamento e de atitude perante a vida”.

Concordo que não haja uma seqüência em termos de um continuum familiar, mas as três obras têm em comum:

1. Busca de identidade portuguesa e da identidade feminina;
2. Como meio é usada a periferia, as ilhas da Madeira e de Malta. Em **Terceiras pessoas**, a mulher, por meio da personagem Natália, já encontrou sua identidade e pode estabelecer-se em terras portuguesas;
3. O século XIX continua-se no século XX e agora em **Terceiras pessoas**, na virada do milênio, descreve o percurso da mulher segundo a sociedade de sua época. Tempo e espaço se entrelaçam. Se as duas primeiras obras são uma busca da identidade, na terceira ela é encontrada.

Terceiras pessoas tem lugar em Porto dos Frades. Nas obras anteriores temos lugares concretos, estabelecidos no mapa. Não consegui encontrar esta cidade no mapa. Perguntei à autora onde se localiza. Sua resposta:

Onde fica Porto dos Frades? Em parte alguma. Ou melhor, é um lugar de ficção que fixei na zona do Ribatejo onde tenho a minha casa de férias. É uma casinha com jardim, isolada no meio de um vale, perto de uma povoação chamada Pernes. Ao fundo do vale, passa um rio, o Alviela, e aí terá havido, segundo a tradição, um pequeno porto fluvial. (Atualmente existe apenas uma ponte). Daí que o nome do local seja Porto dos Alcaldes.

Transformei Porto dos Alcaldes em Porto dos Frades e dotei-o de uma igreja, casas, comércio e gente. O resto ficou: o vale, o rio, os vinhedos, as árvores, as colinas, as inundações provocadas pelas chuvas e pelas cheias do rio, que criam lagos no vale e os povoam de peixes. Os invernos são lindos na minha “Casa do Vale”. (Carta de 7/10/99)

A partir do momento em que a mulher encontra sua identidade, Marques introduz um lugar fictício, ou talvez, um local que é a recriação entre real e realidade, esta entendida como sinônimo de referência e aquela, como verdade cons-

truída pelo texto, com autonomia do processo estético. A natureza é o lugar de chegada, é a “geografia do coração” (p. 12). Os caminhos indicam a “paixão da terra”, “o sentido de pertença”. São o lugar da memória, das marcas deixadas pelo tempo, e também o tempo da morte. Erguer a casa, criar o vinho, plantar a coroa de faias, semear uma família, são os desejos de João Bernardo. Não é mais o tempo para conquistas, para cruzar os mares, mas para usufruir o dia-a-dia através de imagens e odores, dos sentidos e das pequenezas do cotidiano. Vinhais é o lugar da memória da infância, das férias, do estar-se em agradável harmonia. A natureza sempre foi o “mapa do seu [de João Bernardo] crescimento”. Vinhais tem vida e personifica-se, pois sempre há a “alegria do reencontro”. A videira é o símbolo da abundância e da vida. Segundo as tradições bíblicas, simboliza a alegria e a abundância das dádivas divinas.

Além de Vinhais, há Rosal, uma quinta familiar, e a Casa de Azenha, outra paragem também familiar, onde a memória e o tempo se sedimentaram. Diz Teresa: “a memória é a única arma contra a saudade e a solidão” (p. 62). Essa terra familiar simboliza o colo materno de que provém a vida, mas também a sepultura para a qual ela retornará. Lá se vive, se recorda e também se morre. Cabe a Teresa nesta obra introduzir a “inevitabilidade da morte, preparando a aceitação de outras mortes que fatalmente cortar[ão] a sua vida” (p. 62). A natureza tudo perpetua, e é uma paisagem muito portuguesa esta em que Helena Marques situa a obra, com olaias, faias, vergôntes, figueiras, alfarrobeiras, marcando o território, possivelmente o mapa do crescimento da autora.

Nesse lugar reflete-se sobre a sociedade portuguesa contemporânea, sobre as relações família/trabalho, pais/filhos e homem/mulher. São três gerações que giram em torno da personagem central, Natália, casada com João Bernardo. O casal, amantes e esposos, com o decorrer do tempo invertem seus movimentos. Ele segue o movimento centrípeto, contínuo e coerente; ela, o movimento centrífugo, numa busca constante de mudança. A terra opõe-se ao céu no que se refere ao princípio passivo, feminino e obscuro, aparecendo na mitologia frequentemente como divindade feminina. A terra é feminina e o céu masculino. Nesta obra temos uma inversão. A mulher encontra sua identidade, se emancipa, não mais depende do homem, se realiza por si só. Seu lugar não é mais a terra, mas o céu. Natália, executiva eficiente e independente, voa em sua profissão de Manhattan, para Santiago, em seguida para Lisboa e inúmeros outros rincões. À agitação profissional dela contrapõe-se o sossego dele. Depois das ilhas, a autora parte para a Europa e América.

Entre o céu e a terra, as terceiras pessoas desempenham um papel primordial. São os heróis anônimos do cotidiano:

... o mundo não é constituído só por *nós*, os que nos conhecemos desde sempre, os que nos encontramos todos os dias. O mundo é sobretudo constituído por *elas*, pelas *terceiras pessoas*, aquelas de quem nada sabemos ou de quem pouco sabemos e que, um dia, inesperadamente, saem do desconhecimento ou das sombras e vêm ao nosso encontro, subvertem os nossos conceitos e influenciam as nossas vidas ou são por elas influenciados, Meu filho [como diz a tia Maria Ildefonso], tudo seria insuportavelmente previsível e monótono sem *terceiras pessoas*. (MARQUES, 1998, p. 54; grifos meus)

Assim como em **O último cais** e **A deusa sentada**, temos viagens contínuas em **Terceiras pessoas**, em que o próprio índice é uma viagem de nomes e lugares. Cristián, Sofia, Monique e Natália perambulam por Porto dos Frades, Manhattan, Valparaíso, Santiago e Lisboa. Todos esses lugares estão arraigados na terra, que é eterna. A terra é o lugar da memória, do lar, da repetição do cotidiano da vida, dos primeiros sofrimentos até do compromisso com a morte. A terra é tempo de vida e tempo de morte.

Para Natália, a que tudo tinha e foi deixando para trás a terra e certas *terceiras pessoas*, outra terra lhe é oferecida como morada, a Holanda. Aceitar o cargo mais elevado de sua carreira, implica deixar o Chile e Cristián, a nova terra e a nova terceira pessoa que a abrigou, depois que deixara João Bernardo. Ir ou ficar, optar entre a vida profissional ou a pessoal é o dilema. Ambas são inconciliáveis no tempo e no espaço, sempre há um preço a pagar; para ganhar é necessário abrir mão e deixar a energia fluir. Mas qualquer vitória será também uma derrota.

Natália reflete: "... mas onde está a vitória? Que faço dela?, ou que fez ela de mim?" (p. 190). Aí está a mulher na virada do milênio, entre duas opções, a casa ou a profissão, querendo tudo, sem abrir mão de nada. A solução é individual, para isso Deus nos deu o livre-arbítrio. Essa é a viagem da vida, em que a liberdade e a paz de consciência precisam ser reconciliadas, em que precisa haver responsabilidade sem culpabilidade. Conciliar estes extremos é índice de sabedoria. A mulher chegou onde queria, o caminho de sua plenitude é uma escolha individual. O amor estará sempre na base de qualquer escolha. Mas não esqueçamos as *terceiras pessoas*, pois elas fazem a nossa vida.

OS ÍBIS VERMELHOS DA GUIANA

Como vimos, nos livros de Helena Marques há um fio condutor e um elo, que se repete de forma diversificada quanto à época e ao lugar, mantendo temas em comum. **O último cais** (1993) tem lugar na ilha de Madeira, no Funchal, lugar em que a autora passou muitos anos de sua vida, e há uma viagem à Guiana, no século XIX. **A deusa sentada** (1994) decorre novamente no Funchal, no século

XX. Mas há uma viagem a Malta, passando por Gibraltar – essa formação rochosa num pequeníssimo território espanhol do Mediterrâneo –, uma “quase-ilha”, como Marques a chama. Nessa obra, a autora também faz o percurso em busca da origem portuguesa até 3.600 anos antes de Cristo. **Terceiras pessoas** (1998) desenvolve-se entre a Europa (Portugal e Holanda) e a América (Chile), nos séculos XX e XXI. Em Portugal, o enredo localiza-se no Ribatejo, no Porto dos Frades, um lugar fictício quanto ao nome, mas real quanto à vivência da autora. Como Marques diz, nessa obra há a “geografia do coração”.

Os íbis vermelhos da Guiana (2002) percorrem três ilhas, a da Madeira, da Grã-Bretanha, e dos Açores, de 1821-2001, num espaço aproximado de 150 anos. Diz uma das personagens, que “a vida era feita só de ilhas”, espaço privilegiado escolhido por Marques, como nas obras anteriores, para chamar a atenção para uma geografia periférica. Diz o personagem Simon em **Os íbis**:² “Nunca saberia viver longe do mar, não é em vão que se nasce numa ilha” (p. 85). Além da ilha da Madeira, há Portugal continental, a Inglaterra na Grã-Bretanha, Ponta Delgada nos Açores, mas sobretudo a Guiana Britânica, o mundo novo, aberto à exploração e à criação, onde tudo pode acontecer, porque a vida ainda não está cristalizada. O movimento, desta vez, é circular. A roda é o espaço perfeito onde não há começo nem fim, porque a vida é um contínuo e a saga familiar vai de geração em geração, repetindo-se com variantes.

Marques usa como símbolo desse contínuo a “roda-dos-ventos”: “E era como se perpetuamente navegasse numa gigantesca roda-dos-ventos, num turbilhão incessante que a empurrava [Anne] de um lugar para outro, em navios sucessivos, em percursos que lhe eram familiares desde a infância e remontavam, até, muito para trás da infância, muito para trás de si própria...” (p. 205). Este movimento “para trás de si própria” conduz aos seus antecedentes, principalmente ao bisavô, “Simon Adams, o homem que verdadeiramente desencadeara o turbilhão, lançara o ritmo imparável da família, apontara a gigantesca roda-dos-ventos aos caminhos da aventura e da imensidade de horizonte...” (p. 206). Essa roda-dos-ventos nada mais é do que um jogo com o sintagma “rosa-dos-ventos”, agulha de navegação que marca os pontos cardeais e os pontos colaterais. A rosa-dos-ventos aponta primariamente para os pontos cardeais: norte, sul, leste, oeste e, secundariamente, para os pontos colaterais, que são bissetrizes de cada dois pontos cardeais consecutivos: nordeste, sudeste, sudoeste e noroeste. Em **Os íbis**, a geografia do coração aponta para os pontos principais e para os colaterais, fundindo-se na circularidade permanente e eterna.³

² Usaremos o nome abreviado.

³ Simon, o patriarca, Anne, a neta, e Camila, a bisneta, filha de Anne, reproduzem a saga da família que se caracteriza pela resistência. “Somos iguais, avô Simon, e Camila será uma resistente como nós” (p. 221).

Podemos apontar várias características comuns às obras de Marques:

1. a “geografia literária”, que já mencionamos;
2. os “cabelos ruivos” que já aparecem em **O último cais**. Nesta obra, a principal personagem feminina é Raquel, rebelde desde a infância, uma revolucionária inata (p. 98), mulher culta e interessante;⁴
3. “o poder de sobrevivência pela resistência” na saga familiar é uma constante, apesar dos pesares, amparado pelo idealismo de que tudo se supera desde que se corra o risco e se lance à vida;
4. o “amor” está sempre presente, de forma suave ou dolorosa, mas é o grande propulsor dos acontecimentos e da continuidade da vida. Os amores nas obras de Marques são amores fortes, indissolúveis, resistentes e bem-realizados. Se é feliz no amor e no casamento, a mulher ocupa seu lugar, ativo e não submisso, e reina no lar pelo seu próprio desejo e escolha.

Os íbis conta as vidas de duas personagens da mesma família, separadas pela geografia e pelo tempo, mas unidas pelo caráter, ambições e memórias. A história começa na primeira metade do século XIX, na antiga colônia britânica da Guiana, durante a aventura migratória de jovens burgueses de Funchal, na ilha da Madeira à procura de fortuna, e estende-se a Inglaterra e a Portugal, até no início do século XXI, quando o passado e o presente por fim se encontram. Entre múltiplas viagens e deslocamentos tanto físicos como psicológicos, a obra fala de conflitos, sofrimentos, ambições, mostrando que na trajetória humana, somente o nascimento e a morte são permanentes, e é o amor que faz com que valha a pena viver.

Existe uma ligação dessa obra com **O último cais**, em que Raquel fora à Guiana com seu marido, mas ao dar à luz perde a vida. Simão ou Simon em **Os íbis** abandona Portugal em busca de uma nova vida nas Guianas. Este renascimento e seu estabelecimento em novas terras une o velho e o novo continente, numa evolução contínua, em que não há certo nem errado, apenas a perpetuação da vida por meio de várias formas de “amor”.⁵

⁴ Busca sua identidade, que não está naquela ilha da Madeira, mas em outra, a de seu avô André, em Malta, que nunca virá a conhecer. “Quem eram os Villas, como viviam, como eram essas mulheres de que ela teria herdado, ao que se conjecturava, o cabelo *cor de vinho velho*, as pernas altas e a rebeldia?” (p. 25; grifo meu). Simon tinha os cabelos ruivos, mas com os múltiplos relacionamentos, esta cor se diversifica, se globaliza, no século XXI, em **Os íbis**. “Gente de cabelos ruivos, como tinham sido os de Simon, James e Melissa, alterna com gente de cabelos louros, como os de Millicent, ou de castanhos-fulvos, como os de Francisca, Melanie e Anne” (p. 243).

⁵ A obra inicia-se quando em Portugal, entre os anos 1830 e 1850 havia uma série de crises entre constitucionais e absolutistas, com repercussão na Madeira. Jovens aproveitaram a oportunidade para escapar do serviço militar obrigatório. A pobreza e a vida árdua da ilha estavam tornando o trabalho do colono cada vez mais difícil. Ir à Guiana Inglesa era uma saída. Com mais de trezentos anos de conhecimento com o plantio dos vinhedos e da cana-de-açúcar seria possível fazer um pé-de-meia lá, apesar de o colono ser tratado como uma espécie de escravo. Mas a maioria dos que foram à Guiana optaram pelo comércio mercantil, cuja experiência os madeirenses também tinham desde o século

A história interliga-se com o espaço geográfico e social, já no início no período colonial na obra de Marques, apesar desta ser uma realidade mais presente nas obras pós-colonialistas. O espaço central torna-se periférico e vice-versa, conforme o século em que o discurso tem lugar. A geografia literária torna-se um processo por meio do qual os agentes sociais constroem e questionam o seu sentido de lugar. Simão, rejeitado pela ilegalidade de seu nascimento em Portugal, torna a Guiana um espaço central, no qual inclusive muda seu nome para Simon Adams, num período em que a Guiana estava sob o domínio inglês. Simon vem de Simão, e Adams foi escolhido por ser o primeiro homem, aquele que indica o início de uma trajetória. O deslocamento do espaço produz um impacto sobre a forma de pensar, fornecendo um exemplo concreto das relações entre espaço e produção cultural e intelectual. Simon não seria um trabalhador braçal como era de se esperar dos imigrantes portugueses, mas o espaço lhe ensinou que a ascensão social dependia de sua produção comercial como negociante. A Europa continua presente no novo mundo guianense, como auxiliar da força de trabalho, mas também culturalmente. Francisca, a esposa de Simon, ainda usa os figurinos europeus para que seus vestidos estejam na moda.

O espaço geográfico e social cria um espaço textual, permitindo ao leitor respirar uma nova realidade. A linguagem faz parte desta realidade. Guiana significa país das águas, no dialeto das tribos Caribe e Arawak (p. 31). Um pedaço de terra assentado primeiramente pelos holandeses no século XVII. Lugar onde a natureza impera grandiosa entre o mar e a terra, fazendo fronteira com a Venezuela, o Brasil e o Suriname. A partir de 1831, a Grã-Bretanha tornou-a colônia, chamando-a de Guiana Britânica, a qual finalmente ganhou sua independência, como já mencionamos, em 1966. Georgetown, sua capital (com aproximadamente 825.000 habitantes) abriga uma parte da narrativa; New Amsterdam, a outra. Dessa colonização, a língua inglesa é conservada sobretudo nos nomes próprios. Os lugares específicos, que abrigam a tradição, o passado e a memória, a espera de que sejam recuperados, são The Red Acer, e The Headland, nome que traz a saudade dos promontórios do Algarve. Em The Headland, além da beleza física, “há uma harmonia tangível” (p. 93). Todo espaço físico, presente na memória, quando

XIV, quando Portugal iniciou o comércio entre a Europa e o Oriente. O governo local e os plantadores não viam os portugueses com bons olhos, eram uma ameaça contra o crioulos locais. A inveja dos habitantes locais passou a ser visível a partir de 1826. Simon, adotando um nome inglês, conseguiu astutamente impor-se. Historicamente, mas não abordado na obra, em 1889, houve luta contra os portugueses, na qual estes reconheceram que teriam que trabalhar em conjunto com a sociedade local afro-guianense. Em 1905, os chamados Ruimveldt Riots em Georgetown, mostraram que os estivadores estavam amplamente insatisfeitos com o baixo nível salarial. Em 1917, ao término da I Guerra Mundial estabeleceu-se o primeiro sindicato (British Guiana Labour Union, BGLU), tornando legal em 1921. A II Guerra Mundial, da qual os guianenses estiveram distantes, trouxe reformas políticas e melhoramentos na infra-estrutura nacional. O controle inglês termina apenas em 1966.

ausente evoca um espaço espiritual, povoado de encantamento e contentamento, abrindo um espaço interno para o reencontro com a essência do indivíduo e suas origens. “Ao entrarem em casa, ela pára, a olhar em volta, e sente que *re-entra* e *re-encontra* alguém ou alguma coisa, uma presença, um espírito, os ecos das muitas vidas que passaram por ali” (p. 93). A espiritualidade faz-se presente na harmonia e no silêncio: “será ainda capaz de apreender o ténue silêncio em fundo e o fino cair das gotas na cascata de pedra” (p. 93). O re-encontro dá-se dentro das personagens (neste caso, Francisca, esposa de Simon).

A Guiana é um símbolo, ao qual se alia outro, que lhe é intrínseco, os íbis vermelhos. Íbis é o pássaro sagrado dos egípcios. Está presente no final do diálogo de Sócrates com Fedro, quando analisam uma lenda da tradição antiga sobre Theuth, o deus inventor, e o faraó egípcio, Thamus (PLATÃO, 1966, p. 274). Íbis encarna o deus Lunar Tot, considerado o criador da escrita e o deus da sabedoria. Seu bico arqueado assemelha-se à lua crescente e seu bico longo e pontiagudo é associado à atividade intelectual. O íbis é um pássaro da família *Threskiornithidae*, que habita as costas e os pântanos do norte da América do Sul da Venezuela, Suriname, Guiana, até o Brasil. Em português do Brasil é chamado de Guará. É um pássaro vermelho escarlate de uns 50 cm de comprimento com o bico curvo. Devido à sua cor, é chamado por muitos de flamingo. Os íbis que prestam seu nome à obra, “são filhos dos céus e os céus lhe pertencem”. Para Simon são uma “evidência da majestade da criação, uma beleza viva, palpitante e alada” (p. 86). Estes íbis rubros são o símbolo da liberdade, do espaço livre a ser conquistado, do espaço interior alcançado e perpetuado de geração em geração, de Simon, para Anne, para Camila.

Em Helena Marques, o ciclo de vida e de morte se repete continuamente em todas suas obras, de século em século, de geração em geração. Mudam os nomes e os lugares, muda a natureza, sempre presente, mas a energia da resistência e o instinto de sobrevivência, impulsionados pelo amor eterno permitem que o ser humano sobreviva apesar dos pesares.

Abstract

The Portuguese novelist Helena Marques has published four novels, *O último cais*, *A deusa sentada*, *Terceiras pessoas*, e *Os íbis vermelhos da Guiana*. These novels have as their main theme the search for identity of the Portuguese woman throughout time and space. The time frame is from the nineteenth century until the present moment in the twenty first century. As an innovative device, the author uses geographical space. Instead of starting from the center, continental Portugal, Marques transforms islands and other territories outside Portugal into a space that defines the Portuguese woman and gives her an individual identity. In this search in time and space, the cycle of birth and death repeats itself in different forms, but love is the common thread that binds all of the novels together.

Key words: Helena Marques; Contemporary Portuguese Literature; Feminism; Identity; Territorialization.

Referências

- BAKHTIN, M. M. **The Dialogic Imagination**: four essays. Ed. Michael Holquist. Trad. Caryl Emerson e Michael Holquist. Slavic Series I. Austin: University of Texas Press, 1981.
- BARRENO, Maria Isabel et al. **Novas Cartas Portuguesas**. Lisboa: Futura, 1974.
- DICIONÁRIO de símbolos**. Herder Lexikon. São Paulo: Cultrix, 1997.
- FERREIRA, João Palma. **Novelistas e contistas portuguesas dos séculos XVII e XVIII**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1981.
- KING, Ynestra. Ecology of Feminism and Feminism of Ecology. In: MACKINNON, Mary H.; McINTYRE, Moni McIntyre (eds.) **Readings in Ecology and Feminism Theology**. Kansas: Sheed & Ward, 1995. p. 150-160.
- MARQUES, Helena. **O último cais**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- MARQUES, Helena. **A deusa sentada**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- MARQUES, Helena. **Terceiras pessoas**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.
- MARQUES, Helena. **Os íbis vermelhos da Guiana**. Lisboa: Dom Quixote, 2001.
- PLATÃO. **Obras completas**. Madrid: Aguilar, 1966.
- RECTOR, Monica. **Mulher, objecto e sujeito da literatura portuguesa**. Porto: Edições Fernando Pessoa, 1999.